

Estudos canadenses: uma perspectiva transamericana

Zilá Bernd

Recebido 13, set. 2010 / Aprovado 10, jan. 2011

Resumo: O artigo apresenta a trajetória de uma longa experiência de ensino, pesquisa e trabalho associativo no Brasil, relatando os elementos em jogo na passagem de uma perspectiva interdisciplinar para uma perspectiva cujo enfoque seriam as relações transversais Brasil-Canadá. O objetivo é mostrar como a pesquisa sobre cultura e literatura no âmbito dos estudos canadenses e comparados se integra às relações transamericanas. O objetivo principal do artigo é o de inscrever-se na reflexão sobre as Américas plurais, apontando a contribuição dos estudos canadenses desenvolvidos no Brasil nos últimos 30 anos.

Palavras-chave: estudos canadenses; perspectivas transamericanas; Américas plurais.

Je ne suis ni urbaniste, ni architecte, ni spécialiste de la ville dans une discipline autorisée. Historienne, sociologue, écrivain, flâneur sociologique [...] ou écrivain **indisciplinaire** [...] je me promène entre les disciplines, les formes, les esthétiques, les textes et les images [...].

Régine Robin, *Mégapolis, les derniers pas du flâneur*, 2009.

1. Por que e como desenvolver os estudos canadenses no Brasil e na América Latina?

Na América Latina, alguns se perguntam ainda as razões pelas quais estudamos o Canadá, sua cultura, sua literatura, seus modos de organização social e seu imaginário. Qual a justificativa de tal escolha? A questão é bastante interessante e oportuna em um momento em que os estudos canadenses precisam dar, no Brasil, um salto qualitativo importante tendo em vista que a Associação Brasileira de Estudos Canadenses completa, em 2011, 20 anos de sua fundação. Na Europa e nos países da Commonwealth, por exemplo, esta escolha se explica mais facilmente: nesses países, nos quais a língua oficial é o inglês ou o francês, o desenvolvi-

mento dos estudos canadenses representa uma possibilidade de abertura a uma cultura que, durante um certo tempo, construiu-se no modelo da continuidade em relação às antigas matrizes culturais europeias e, por vezes, na forma de ruptura e de hibridação com outras culturas presentes no território das Américas. Para os latino-americanos, ao contrário, os estudos canadenses representam um esforço suplementar, na medida em que nem o inglês nem o francês são nossas línguas maternas. De um ponto de vista histórico, o florescimento dos estudos canadenses na América Latina é de certa forma improvável, já que nossas relações de amor e de ódio foram tecidas com os países que nos legaram suas línguas: Espanha e Portugal. Cabe, portanto a pergunta: qual é o lugar dos estudos canadenses no contexto latino-americano?

Não é tão pouco o exotismo do país que nos seduz nesta aventura a qual denominamos de estudos canadenses, área que não consta nas listagens das agências de financiamento brasileiras, tendo de ser incluída na categoria *outras*. O que nos seduz nesse campo disciplinar são os esforços desenvolvidos pelos canadenses para encarar a diversidade e encontrar soluções justas e *accommodements raisonnables* com o objetivo de superar uma aporia fundamental: garantir o direito à diferença e ao mesmo tempo buscar as vias da relação e as possibilidades de fundar uma nação sobre as bases do reconhecimento das alteridades. Assegurar o direito à diversidade e permitir, ao mesmo tempo, aos imigrantes que tomem consciência de sua pertença à nação canadense não é uma tarefa simples.

Para nós, no Brasil, os estudos canadenses adquirem importância na medida em que nos oportunizaram encontrar um elemento que é fundamental em pesquisa: a reciprocidade, isto é, a possibilidade de trocas com nossos colegas do Canadá. Por seu lado, a leitura da produção intelectual latino-americana lhes permite fazer descobertas inesperadas e até mesmo encontrar eventuais soluções em face das tensões existentes no seu país. Uma verdadeira sinergia nasce dessas trocas estabelecidas em ambos os sentidos. Atualmente, esses estudos tiram sua força não somente da cultura do *mainstream*, mas na escritura das margens, na dos escritores diaspóricos engajados nos deslocamentos, nas migrações e nas demais mobilidades culturais, que inauguram leituras transnacionais de produções necessariamente híbridas, não se restringindo aos espaços exíguos do nacional.

2. O percurso de uma reflexão

Nesse vasto campo *multidisciplinar* que são os estudos canadenses, nossa trajetória teve início nos anos 1990 e originou, em 1992, a publicação em Montreal de uma obra coletiva (*Confluences littéraires: Brésil/Québec, les bases d'une comparaison, 1992, Collection l'Univers des Discours*, dirigida na época por Antonio Gomez-Moriana). Essa obra acentuava os seguintes elementos: 1. os estudos canadenses e quebequenses no Brasil seriam mais performantes se fossem desenvolvidos na perspectiva comparatista; 2. é possível desenvolver um comparatismo *interamericano*, isto é, sem passar pelas culturas hegemônicas do “centro” (tradição dos estudos comparados no Brasil e na América Latina em geral). Organizada por Michel Peterson e por mim, essa obra coletiva teve por objetivo salientar as bases de uma comparação cultural e literária entre o Brasil e o Quebec. A obra se propunha também a explorar e a desenvolver uma abordagem comparatista entre os dois contextos literários. Na época, Wlad Godzich evocava as dificuldades desse tipo de abordagem, ligadas ao fato de a literatura comparada, como disciplina, ter sido concebida para examinar “as fontes e as influências” das “grandes” literaturas hegemônicas europeias sobre as literaturas periféricas. Partindo desse ponto, nossa abordagem continha um elemento de subversão do discurso comparatista estabelecido, visto que as literaturas em situação pós-colonial se tornavam o alvo da comparação. Foi possível constatar também que vários conceitos, que à época não estavam diretamente ligados ao campo literário, deveriam ser considerados: aqueles relativos aos processos identitários e de mestiçagem, às estratégias das minorias, à construção do nacional a partir do heterogêneo etc. Rever as estratégias associadas aos *Cultural Studies* foi um dos primeiros aportes da introdução dos estudos canadenses e quebequenses no Brasil; outros se seguiram, como por exemplo:

1. abolição das noções de centro e de periferia;
2. introdução da reflexão teórica canadense, depois caribenha e latino-americana, apesar do grande peso da presença das teorias europeias;
3. transmigração dos conceitos do Norte em direção ao Sul, tais como literaturas migrantes, reciclagens culturais, transnação, entre outras, e do Sul ao Norte, como a antropofagia cultural e a transculturação;

4. desenvolvimento progressivo das reflexões sobre a americanidade, a tomada de consciência de nossa pertença às Américas plurais e a necessidade de ampliar os intercâmbios e as trocas interamericanas.

3. A inscrição dos estudos canadenses no contexto das Américas plurais: da inter à transamericanidade

Um dos principais resultados de nosso interesse pelos estudos canadenses foi a criação, em 2000, de um grupo de trabalho, constituído de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras, sobre as relações culturais e literárias interamericanas. Por que escolhemos o termo *interamericanas*? Partimos, de fato, de um conceito de interdisciplinaridade/culturalidade baseado na aceitação do princípio de paridade entre os parceiros, de busca de diálogo e de reciprocidade nas trocas de saberes; ou seja, os parceiros de cada um dos campos culturais manifestam interesse pelo discurso do outro. Se pensarmos hoje na ameaça da “1’inter-action dualiste ou polarisante” (IMBERT; BENESSAIEH, 2010, p. 231) que paira sobre o conceito de interamericanidade, podemos afirmar que o que nosso GT “Relações literárias interamericanas” de fato pratica são pesquisas *transamericanas*. Essa perspectiva é a única capaz de fragilizar a disjunção das disciplinas e produzir efeitos de transversalidade entre os saberes, não para chegar-se a uma síntese nem para promover um diálogo visando um consenso. A base transdisciplinar supõe justamente o contrário: é graças ao confronto das diferenças que nascem ideias novas. Utilizada notadamente por Patrick Imbert, a perspectiva transamericana não pressupõe a hierarquização das culturas, mas a ultrapassagem dos limites das línguas e das nações, colocando em evidência sistemas relacionais. Os novos dados que emergem dos estudos canadenses, abordados do ponto de vista da perspectiva transamericana, produzem “deslocamentos dos jogos de poder e desestabilizam as regras sobre as quais havia consenso, propondo novas modalidades discursivas e novas práticas de pesquisa” (cf. GONDAR, 2005. p. 14-15).

No Brasil, tentamos inscrever os estudos canadenses e quebequenses no âmbito das relações inter e transamericanas, privilegiando uma perspectiva relacional, à imagem do que sugere Édouard Glissant em *Poétique de la Relation*. Partindo do pensamento glissantiano, Patrick Imbert e Afef Benessaieh teorizam sobre as identidades transamericanas “dans la perspective relationnelle qui fait

ressortir les transformations constantes qui s’opèrent entre les unes et les autres” (2010, p. 232).

Integrar os estudos canadenses às reflexões desenvolvidas a partir de um lugar de enunciação sul-americano tem a vantagem de poder fundamentá-los em noções que nos são há muito tempo familiares, entre as quais destacamos a antropofagia, a transculturação, a criouldade e a mestiçagem. No que diz respeito ao comparatismo interamericano (Brasil/Quebec/Antilhas), com suas análises dos percursos literários escritos em língua portuguesa e francesa – nosso campo de ação –, pensamos que essas noções tiveram um papel importante, abrindo uma nova via de conhecimentos recíprocos. Eles nos permitiram refletir sobre a relatividade de etiquetas, tais como literatura nacional, identidade rizomática, alteridade, heterogeneidade, passagens transculturais e hibridação, revistos a partir de um novo olhar impregnado de imagens do Norte. A mobilidade conceitual Norte/Sul gerou estratégias de análise diversas que nos permitiram relativizar o impacto do pensamento europeu ainda muito presente na América Latina.

A mobilidade teórica transamericana, as migrações do Norte ao Sul e do Sul ao Norte criam novas vias de acesso aos textos literários, incontornáveis para apreender as dinâmicas transamericanas, verdadeiros exercícios de transgressão das imposições disciplinares que fixam limites e fronteiras. As mobilidades transamericanas correspondem a táticas de insubmissão em face de uma certa tendência ao imobilismo, que pode por vezes caracterizar o trabalho universitário e encerrar os pesquisadores em suas torres de marfim. A estratégia do *trans* associada aos estudos canadenses produz algo de inesperado no âmbito dos estudos culturais. A perspectiva transamericana ilumina a anatomia política, social e simbólica das Américas e recria percursos imprevisíveis.

Na medida em que o *trans* corresponde a ir além, ultrapassar, passar através, caracteriza uma forma de mobilidade que favorece a transação em termos de negociação e de renegociação e privilegia a conciliação de interesses aparentemente irreconciliáveis – um procedimento que exige concessões de um lado e de outro, trocas e aceitação recíprocas. No artigo “Transaction”, G. Férreol (2003, p. 339), define o conceito de transação como algo que “ne se limite pas à la négociation et à l’accommodation, mais conduit dans bien des cas à un renouvellement du sens par ‘transit’, ‘métissage’ ou ‘hybridation’” .

Conclusões

O interesse pelo *trans* no Canadá foi efetivamente tardio, se pensarmos em outros territórios culturais nos quais o conceito esteve presente desde o início do século XX: a antropofagia no Brasil (1928), a transculturação em Cuba (1940) e a *créolisation* nas Antilhas (1989). Antes da criação da revista canadense trilingue *ViceVersa*, em 1983, esse conceito era muito pouco difundido. Não farei o histórico do percurso das diferentes manifestações da transculturação, de 1940 aos dias de hoje, pois Walter Moser já se encarregou deste trabalho em obra recém-lançada, organizada por Fúlvio Caccia, *La transculture et ViceVersa* (2010). Moser conclui que a *transculturation*, que emerge entre o multiculturalismo canadense e o interculturalismo quebequense, foi domesticada no Quebec. Na minha opinião, sua visão é não apenas pessimista mas também injusta, pois sabemos que uma plêiade de pesquisadores defenderam arduamente esta abordagem, como, por exemplo, Maximilien Laroche, que aborda o fato transcultural em vários de seus livros e sobretudo em *La découverte de l'Amérique par les Américains* (Université Laval, 1989); ou ainda Régine Robin, em *Le roman mémoriel* (1989). Mais recentemente, Patrick Imbert, em *Trajectoires culturelles transaméricaines* (2004), Afef Benessaïeh (2010) e J.F. Côté, com a criação da coleção *Americana* editada pela Presses de l'Université Laval. Todos eles fazem uma utilização crítica do *trans*, sem pretender encontrar nesse fértil conceito a panaceia universal para todos os benefícios e os malefícios dos choques culturais. Ao contrário, eles tentam ultrapassar o conceito, redefinindo-o à luz da prodigiosa mobilidade da época e do avanço da cibercultura.

Finalmente, cabe lembrar que, entre 2000 e 2003, o Conseil International d'Études Canadiennes (ICCS/CIEC) financiou um grupo de pesquisa para trabalhar sobre os conceitos de “transferts culturels/transculturalisms”. À época, não ousávamos ainda falar em *transculturation* ou em *transculturalité*, pois estas noções não figuravam nos grandes dicionários da língua francesa. *Vice Versa* já havia proposto *transculture* e *transculturel*, mas “transculturação” ainda não era termo corrente, em francês. A despeito de uma utilização talvez um pouco ingênua da expressão “transferts culturels”, a criação desse grupo – que apresentou seus resultados em maio de 2003, por ocasião de um evento na Université du Québec à Montréal (UQAM) – permitiu “mesurer l'impact des transferts culturels sur les cultures dites nationales, particulièrement la culture canadienne, selon des

perspectives historiques et contemporaines” (Projet de recherche sur les transferts culturels, ICCS-CIEC, février 2001).

Tentemos ficar entre o transdisciplinar e o indisciplinar, como propõe Régine Robin citada em epígrafe; evitemos transformar a “transculturalidade” em complacente ideologia de Estado ou em uma pura abstração, como nos lembra Robert Schwartzwald na apresentação do número 27 da *Revue Internationale d’Etudes Canadiennes* (2003) sobre as transferências culturais. Enfim, tratemos de compreendê-las como “um frágil equilíbrio relacional continuamente recriado na configuração do momento” (IMBERT; BENEISSAIEH, 2010, p. 237).

Abstract: The article presents the course of a long teaching, research and associative work experience in Brazil, reporting the elements that play a role in the shift from one interdisciplinary perspective to another whose focus would be the transversal relations between Brazil and Canada. The objective is to show how research on culture and literature in the scope of Canadian and comparative studies integrates to the trans-American relationships. The main objective of the article is to be inserted in the plural Americas reflection, pointing to the contributions of Canadian studies developed in Brazil for the last 30 years.

Keywords: canadian studies; trans-american perspectives; plural Americas.

Résumé: Cet article fait le point sur une longue expérience d’enseignement, de recherche et de travail associatif au Brésil, ainsi que sur les éléments en jeu dans le passage d’une perspective interdisciplinaire à celle des relations transversales Brésil/Canada. Elle vise à montrer comment les recherches sur la culture et la littérature dans le cadre des études canadiennes et comparées s’intègrent dans les relations transaméricaines. L’objectif est de s’inscrire dans la réflexion sur les Amériques plurielles en étudiant la contribution des études canadiennes développées au Brésil dans les 30 dernières années.

Mots-clés: études canadiennes; perspectives transaméricaines; Amériques plurielles.

Referências

BENESSAIEH, A. Multiculturalism, Interculturality, Transculturality. In: _____. (org.) *Transcultural Americas/Amériques transculturelles*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2010. p. 11-38.

BERND, Z. *Américanité et mobilités transculturelles*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2009. (Collection Américana).

_____. (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

CUNHA, Sheila Santos. *O manifesto da transdisciplinaridade por Basarab Nicolescu: um breve resumo*. Disponível em: <http://www.a1educar.com.br/mostra_evento.php?cd_pagina=3342>.

CARTA DA TRANSDICIPLINARIDADE. 1º Congresso Mundial da transdisciplinaridade, Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 nov. 1994. Disponível em: <http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Documentos_da_Transdisciplinaridade/Carta_da_Transdisciplinaridade_1994_I_Congresso_Mundial_da_TransD.doc>.

DION, R. Um Quebec inter, multi ou transcultural? A ambiguidade de certos anseios de organização cultural. In: BERND, Z. (org.) *Americanidade e transfêrências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003. p. 195-213.

FERRÉOL, Gilles. Transaction. In: Ferréol, Gilles; JUCQUOIS, Guy (dir.). *Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*. Paris: A. Colin, 2003. 354 p.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 11-26.

IMBERT, P. Transculturalité et Amériques. In: BENESSAIEH, A. (org.) *Transcultural Americas/Amériques transculturelles*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2010. p. 39-68.

_____. *Trajectoires culturelles transaméricaines: médias, publicité, littérature et mondialisation*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2004.

IMBERT, P. ; BENESSAIEH, A. Conclusion: La transculturalité relationnelle. In: BENESSAIEH, A. (org.) *Transcultural Americas/Amériques transculturelles*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2010. p. 231-242.

INTERNATIONAL JOURNAL OF CANADIAN STUDIES/ REVUE INTERNATIONALE D'ÉTUDES CANADIENNES. *Transculturalisms/Transferts culturels*. Ottawa: ICCS-CIEC, nº 27, 2003 (spring/printemps).

MOREL, Maia (coord.). *Parcours interculturels: être et devenir*. Québec: Peisaj, 2010.

- MOSER, Walter. Transculturation: métamorphoses d'un concept migrateur. In: CACCIA, Fulvio. *La Transculture et Vice-Versa*. Montréal: Tryptique, 2010, p. 33-60.
- OUELLET, Pierre. *Où suis-je: paroles des égarés*. Montréal: VLB, 2010. (Le soi et l'autre).